

Franz Kafka
A METAMORFOSE

Tradução de Marcus Penchel

Vozes de Bolso

Ao despertar de sonhos agitados certa manhã, em sua cama, Gregor Samsa viu-se transformado em um inseto monstruoso. De costas sobre a dura carapaça, ergueu um pouco a cabeça e olhou a barriga marrom proeminente dividida em arcos reforçados, da qual toda a coberta já havia deslizado para baixo, sem poder puxá-la de volta. Suas muitas pernas, lamentavelmente finas em contraste com a corpulência geral, debatiam-se inutilmente ante seus olhos.

“O que aconteceu comigo?” – pensou. Não estava sonhando. Seu quarto, de fato um quarto humano, apenas um pouco pequeno demais, estava em ordem entre as quatro paredes bem conhecidas. Acima da mesa, sobre a qual se desdobravam amostras de tecidos – Samsa era caixeiro-viajante –, pendia o quadro com um recorte de revista ilustrada que ele havia colocado dias antes em uma bonita moldura dourada. Mostrava uma senhora com barrete e estola de peles, sentada ereta e erguendo na direção do observador uma pesada manga também de pele que lhe ocultava todo o antebraço.

O olhar de Gregor virou-se então para a janela e o tempo sombrio – podia ouvir pingos de chuva tamborilando na armação – encheu-o de melancolia. “E se eu dormisse mais um pouco e esquecesse toda essa maluquice?” – pensou. Mas isso era totalmente impraticável, pois estava acostumado a dormir sobre o lado direito e em sua condição atual não conseguia virar para essa posição. Por mais que se lançasse com toda a força para o lado direito, balançava sempre de volta sobre a armadura dorsal. Tentou bem umas cem vezes, de olhos fechados para não ter que

ver as perninhas se debatendo, e só parou quando começou a sentir do lado uma dorzinha incômoda e desconhecida.

“Ó, Deus”, pensou, “que trabalho penoso eu fui escolher! Entra dia, sai dia, e pé na estrada. O desgaste de negociar é muito maior do que quando se trabalha no escritório. E ainda tem esse suplício das viagens, a preocupação com as conexões de trem, a comida irregular e ruim, o comércio humano sempre mutável, sem calor, nunca duradouro. Ao diabo com tudo isso!” Sentiu uma coceirinha no alto do estômago. Empurrou-se lentamente, de costas, até a cabeceira da cama em busca de apoio para levantar melhor a cabeça. Viu que o local da coceira estava cheio de pontinhos brancos que não soube explicar. Quis sentir a região com uma das pernas, mas retraiu-a imediatamente ao tocar e sentir uns arrepios gelados.

Deslizou de volta à posição anterior. “Esse negócio de levantar cedo”, pensou, “deixa a gente completamente doido. As pessoas precisam dormir. Tem vendedor que vive igual a mulher de harém. De manhã, por exemplo, quando volto à hospedaria para anotar os pedidos recebidos, esses senhores ainda estão tomando café. Se eu tentasse o mesmo com meu chefe, ia ser despedido na hora. Quem sabe, aliás, isso não seria bom para mim? Se não me segurasse por causa dos meus pais, de há muito já teria largado isso, jogando na cara do patrão tudo o que eu penso, no fundo. Ele ia cair da cadeira! É mesmo esquisito sentar assim à mesa em plano elevado para falar do alto com seus funcionários, que além do mais têm que chegar perto por causa da surdez do patrão. Bem, ainda não morreu de todo minha esperança de um dia fazer isso mesmo, quando tiver juntado o dinheiro para pagar a dívida dos meus pais – pode levar mais uns cinco ou seis anos. Aí, darei a decisão. Mas, por ora, tenho que levantar, porque meu trem sai às cinco.”

E olhou para o despertador tiquetaqueando na cômoda. “Pai

do céu!” – pensou. Eram seis e meia e os ponteiros avançavam silenciosamente, já passava de meia hora, já eram quase quinze para as sete. Será que o alarme não tocou? Pôde ver da cama que tinha corretamente acertado para as quatro; com certeza havia tocado também. Sim, mas como seria possível dormir tranquilamente com esse alarme de rachar os móveis? Bem, ele não tinha dormido tranquilo, mas provavelmente mais pesado. O que fazer agora? O próximo trem saía às sete; para pegá-lo teria que correr feito louco e ainda embalar as amostras, além de não se sentir propriamente ágil nem absolutamente bem-disposto. E, mesmo que alcançasse o trem, não daria para evitar a fúria do patrão, pois um empregado da firma tinha esperado o trem das cinco e já havia entregue há muito o relatório sobre a sua falta. Era uma criatura do patrão, um invertebrado sem discernimento. Bem, e se tivesse adoecido? Seria muito suspeito e embaraçoso alegar isso, porque Gregor não ficara doente uma só vez em cinco anos de serviço. Com certeza o patrão viria com o médico do seguro-saúde, censuraria os pais pelo filho preguiçoso e rechaçaria todas as objeções dizendo que, para o médico do seguro, só existia gente saudável ou avessa ao trabalho. Aliás, estaria ele errado neste caso? Gregor na verdade sentia-se muito bem, fora uma leve sonolência realmente insignificante por ter dormido demais, e estava até com uma fome danada.

Enquanto se debatia aflito nesses pensamentos, sem decidir de vez levantar-se – o despertador já dava quinze para as sete –, bateram de leve na porta atrás da cabeceira da cama. “Gregor” – era a mãe –, “já são sete e quarenta e cinco. Resolveu não ir hoje?” A voz macia! Gregor levou um susto ao ouvir a própria voz respondendo, inequivocamente a sua voz de antes, mas mesclada a um piado como que por baixo dela, um bipe doloroso, não muito opressivo, mas que só no primeiro momento deixou as palavras formalmente claras, para em seguida destruir de tal

modo sua sonoridade que não sabia se tinham sido ouvidas corretamente. Gregor tinha respostas detalhadas e queria explicar tudo, mas nessas circunstâncias limitou-se a dizer: “Sim, sim, obrigado, mãe, já estou de pé”. Por causa da porta, a mudança na voz de Gregor provavelmente não foi notada do lado de fora, de modo que a mãe se tranquilizou e engoliu a resposta. Mas as poucas palavras trocadas informaram os outros membros da família que Gregor, ao contrário do que se esperava, ainda estava em casa, e logo era o pai que batia numa porta lateral, de leve, mas com o punho. “Gregor, Gregor”, chamou, “o que está havendo?” E, após um breve instante, com voz mais firme: “Gregor! Gregor!” À outra porta lateral, entretanto, veio o lamentoso apelo da irmã: “Gregor! Não está se sentindo bem? Precisa de alguma coisa?” Aos dois lados ele respondeu “Já estou pronto” e fez um esforço para dar um tom bem natural à voz, com a mais cuidadosa emissão e longas pausas entre as palavras. O pai também voltou à mesa do café, mas a irmã sussurrou: “Gregor, abra a porta, por favor”. Mas Gregor nem pensou em fazer isso e deu graças à prudência adquirida nas viagens, que mandava trancar as portas durante a noite.

Primeiro queria levantar-se calmamente e se trocar sem ser perturbado; aí, antes de mais nada, tomar café da manhã e, só depois, pensar no resto, pois percebeu que na cama não chegaria a uma conclusão sensata. Lembrou que, com frequência, na cama, sentia uma dorzinha, gerada talvez por dormir de mau jeito, que acabava ao levantar atribuindo a pura imaginação. E passou a se indagar como as ideias de hoje iriam aos poucos se dissipar. Que a mudança de voz não era senão o presságio de um forte resfriado, doença profissional dos caixeiros-viajantes, disso não tinha a menor dúvida.

Tirar o lençol era fácil; só teve que inflar-se um pouco e ele caiu por si. Mais que isso, porém, era difícil, especialmente por

ser tão volumoso. Precisaria de braços e mãos para sentar-se; mas, em vez disso, tinha apenas as muitas perninhas se remexendo sem parar nos mais variados movimentos e que, além disso, não conseguia controlar. Se quisesse dobrar uma perna, tinha que ser da primeira vez que se esticasse; quando finalmente conseguiu fazer o que queria com uma delas, todas as outras, como que liberadas, agitaram-se na mais frenética e dolorosa movimentação. “Apenas não fique inutilmente na cama”, disse Gregor para si.

De início quis sair do leito com a parte inferior do corpo, mas esta parte, que aliás ainda não tinha visto e da qual não podia realmente fazer ideia precisa, revelou-se muito difícil de mover; era tão lenta; e quando, por fim, quase com fúria, projetou-se à frente com toda a força, sem medir consequências, escolheu a direção errada, bateu violentamente no pé da cama e a dor ardente que sentiu lhe mostrou que justamente a parte inferior do corpo era talvez a mais sensível no momento.

Tentou então tirar da cama primeiro a parte de cima do corpo e cautelosamente girou a cabeça para a beirada. Isso foi fácil também e, apesar de seu peso e largura, a massa corpórea por fim seguiu lentamente a mesma direção. Mas ao erguer finalmente a cabeça para fora, no ar, teve medo de continuar avançando e acabar caindo, caso em que só não se machucaria por milagre. E a cabeça era exatamente o que não devia perder agora de jeito nenhum; melhor era ficar na cama.

Mas quando de novo suspirou tão fundo quanto antes e novamente viu as perninhas lutando umas com as outras ainda mais obstinadas, sem atinar como seria possível dar ordem e descanso a essa arbitrariedade, repetiu para si mesmo que não podia permanecer na cama e que sacrificar tudo era a coisa mais sensata a fazer se houvesse uma esperança, mínima que fosse, de sair da cama desse jeito. Ao mesmo tempo, no entanto, não

deixou de lembrar que muito melhor que as decisões desesperadas era a mais tranquila e calma ponderação. Em tais momentos ele costumava lançar à janela o olhar mais incisivo possível, mas infelizmente, agora, a visão da névoa da manhã, que encobria até o outro lado da rua estreita, não lhe trouxe muita confiança e alegria. “Sete horas”, disse a si mesmo quando o despertador tocou de novo, “sete horas e ainda esse nevoeiro”. E por um tempo ficou deitado, quieto, a respiração fraca, como se esperasse talvez que do silêncio total ressurgissem situações apenas reais e óbvias.

Mas então disse a si mesmo: “Antes que dê sete e quinze, tenho que estar completamente fora da cama. Além do mais, daqui a pouco alguém deve vir da empresa perguntar por mim, pois ela abre antes das sete”. E se pôs a balançar uniformemente todo o corpo para fora da cama. Se caísse assim, talvez não machucasse a cabeça, pois pretendia mantê-la bem erguida na queda. As costas pareciam duras, de modo que não aconteceria nada com elas ao cair no tapete. Estava mais preocupado com o barulhão que haveria na certa e que provavelmente causaria alarme, senão susto, por trás de todas as portas. Mas tinha que arriscar.

Quando Gregor já estava quase metade para fora da cama – o novo método era mais um exercício do que um esforço para valer, tinha apenas que se remexer espasmodicamente –, sentiu como seria simples se viessem ajudá-lo. Bastavam duas pessoas fortes – pensou no pai e na empregada – para alçá-lo com os braços sob as costas arqueadas, removê-lo assim da cama e curvar-se para baixar o fardo, tendo o cuidado apenas de suportar o excesso de oscilação ao tocar o assoalho, onde então as perninhas supostamente fariam sentido. Agora, sem contar que as portas estavam trancadas, deveria mesmo pedir ajuda? Apesar de toda a enrascada, não pôde evitar um sorriso ante tal pensamento.

Já havia avançado tanto que mal conseguia manter o equilíbrio com oscilações mais fortes e tinha que tomar uma decisão final bem rápido, pois dentro de cinco minutos seriam sete e quinze – quando ouviu baterem à porta da casa. “É alguém da firma”, disse consigo, e quase congelou, enquanto as perninhas dançavam ainda mais apressadas. Por um instante ficou tudo parado. “Não vão abrir”, disse Gregor, presa de uma esperança sem sentido. Mas aí, claro, como sempre, a empregada caminhou até a porta com passos firmes e a abriu. Gregor só precisou ouvir a saudação inicial do visitante para saber quem era – o chefe em pessoa. Mas por que cargas d’água estava condenado a trabalhar numa empresa onde a menor falta gerava a maior suspeita? Não havia entre os funcionários, todos eles uns esfarrapados, ninguém com a lealdade de, em caso de não dar à empresa apenas algumas horas de uma manhã de trabalho, ficar louco de culpa e quase incapaz de sair da cama? Não bastava na verdade mandar chamar um jovem aprendiz – se é que isso fosse indispensável? Tinha que vir o próprio chefe do escritório para com isso mostrar a toda a inocente família que a investigação desse caso suspeito só podia ser confiada à autoridade da administração? E mais, como resultado da tensão em que Gregor foi lançado por essas considerações e não em função de uma decisão correta, ele se projetou com toda a força para fora da cama. Houve um forte baque, mas não um barulho de verdade. O tapete amorteceu um pouco a queda e as costas se mostraram mais elásticas do que Gregor supunha, de modo que o som abafado do choque não foi tão evidente. Só não manteve a cabeça cuidadosamente bem erguida e acabou batendo com ela; virou-a então e a esfregou no tapete com raiva e dor.

“Caiu alguma coisa lá dentro”, disse o gerente da firma na sala à esquerda. Gregor tentou imaginar se um dia poderia acontecer ao chefe algo parecido com o que estava acontecendo hoje a ele.

Com efeito, você tem que admitir a possibilidade. Mas, como numa resposta cabal à especulação, seu chefe deu alguns passos medidos na sala ao lado e rangeu as botas de couro envernizado. Do quarto adjacente à direita, sua irmã sussurrou para informar: “Gregor, o gerente está aqui”. “Eu sei”, disse Gregor para si mesmo, mas tão alto que a irmã poderia ter ouvido; não se atrevia a levantar a voz.

“Gregor”, falou o pai na sala à esquerda, “o gerente veio saber por que você não tomou o trem hoje cedo. Não sabemos o que dizer a ele. Aliás, ele também quer conversar pessoalmente com você. Então, por favor, abra a porta. Ele terá a bondade de desculpar o quarto desarrumado”. “Bom dia, Senhor Samsa”, falou o gerente em tom amistoso. “Ele não está bem”, disse a mãe ao gerente, enquanto o pai ainda falava à porta. “Ele não está bem, acredite, senhor. Como Gregor ia perder o trem se estivesse bem? Ele só pensa no serviço, é a única coisa que tem na cabeça. Quase me dá raiva esse rapaz, nunca sai de noite; agora ficou oito dias na cidade, mas toda noite em casa. Fica aí sentado à mesa, calmamente lendo o jornal ou examinando os horários de viagem. Já é uma distração para ele quando se ocupa de trabalho em madeira. Por exemplo, nas últimas três ou quatro noites entalhou uma pequena moldura; o senhor vai ficar espantado como é bonita; está pendurada lá no quarto, o senhor vai ver quando Gregor abrir. Por sinal, fico feliz que o senhor esteja aqui, senhor gerente; sozinhos não íamos fazer Gregor abrir a porta; ele é tão teimoso; e com certeza não está bem, embora tenha negado de manhãzinha.” “Já estou indo”, disse Gregor lentamente, de forma deliberada, e não se mexeu para não perder nenhuma palavra da conversa. “Eu mesmo, por mim, minha senhora, não consigo explicar isso”, disse o chefe do escritório. “Espero que não seja nada grave. Embora, por outro lado, tenha que dizer que nós, gente do comércio, feliz ou infelizmente, como queira, somos com

frequência forçados simplesmente a passar por cima de uma ligeira indisposição por causa dos negócios.” “E então, o gerente já pode entrar para vê-lo?” – perguntou o pai, impaciente, batendo de novo na porta. “Não”, disse Gregor. Na sala adjacente à esquerda fez-se um silêncio embaraçoso, no quarto à direita a irmã começou a soluçar.

Por que então a irmã não ia ter com os outros? Provavelmente ela tinha acabado de se levantar agora e ainda não havia começado a se vestir. E por que chorava então? Por ele não ter se levantando e não ter deixado o gerente entrar? Porque corria o risco de perder o emprego e o patrão aí iria perseguir os pais por causa das velhas dívidas? Agora, porém, essas eram provavelmente preocupações inúteis. Gregor ainda estava aqui por enquanto e não tinha a menor intenção de abandonar a família. Nesse exato instante estava bem estirado no tapete e ninguém que soubesse da sua situação iria lhe pedir seriamente para deixar entrar o chefe. Mas por causa dessa pequena descortesia, para a qual mais tarde facilmente encontraria de certo uma desculpa passável, Gregor não podia ainda ser mandado embora. E lhe parecia bem melhor deixá-lo em paz por ora do que perturbá-lo com choro e persuasão. Mas era apenas a incerteza que inquietava os outros, o que desculpava o comportamento deles.

“Senhor Samsa”, chamou então o chefe, elevando a voz, “qual é o problema? O senhor se entrincheirou aí no seu quarto, responde apenas sim ou não, aflige seus pais com sérias e desnecessárias preocupações e – apenas por sinal, diga-se de passagem – descumpra suas obrigações profissionais de maneira absolutamente inusitada. Falo aqui em nome dos seus pais e do patrão e lhe peço por favor, com toda a seriedade, uma imediata e clara explicação. Estou espantado, espantado! Eu pensava que conhecia o senhor como uma pessoa calma e ponderada, e agora,

de repente, parece que quer dar trela a estranhos caprichos. O patrão com efeito aventou hoje cedo uma possível explicação para a sua falta ao serviço – tinha a ver com a cobrança de uma dívida ao senhor recentemente –, mas eu praticamente empenhei minha palavra de honra de que isso não podia ser verdade. Mas agora vejo aqui a sua teimosia incompreensível e perco totalmente a vontade de me pôr do seu lado o mínimo que seja. E a sua situação não é a melhor. Eu tinha de início a intenção de lhe dizer tudo isso em particular, mas, como o senhor me faz perder meu tempo aqui inutilmente, não sei por que os senhores seus pais não devam também ficar a par. O seu desempenho nos últimos tempos tem sido mesmo muito insatisfatório; é verdade que esta não é a melhor época do ano para os negócios, isso nós reconhecemos; mas não há uma época do ano em que não se possa fazer negócios, Senhor Samsa, isso não existe”.

“Mas, senhor gerente”, exclamou Gregor, esquecendo na excitação tudo o mais, “já vou abrir num instante. Um ligeiro mal-estar, uma tontura, me impediu de levantar. Ainda me encontro na cama. Mas agora já estou inteiramente recuperado. Estou me levantando agora. Tenha só mais um pouquinho de paciência! Não estou ainda tão bem como pensava. Mas já estou bem melhor. Como é que pode acontecer uma coisa dessas a alguém? Ainda ontem à noite me sentia ótimo, meus pais são testemunhas, ou melhor, já na noite de ontem tive um ligeiro pressentimento. Tinham que ter visto como eu estava. Por que simplesmente não avisei na empresa? Mas a gente sempre acha que a doença vai ceder, mesmo se a gente não ficar em casa! Senhor gerente! Poupe meus pais! Pois não há nenhum fundamento em todas essas acusações que o senhor me faz; não me disseram uma só palavra sobre isso. Talvez o senhor não tenha lido o último pedido que entreguei. Além disso, ainda vou pegar o trem das oito; essas horas de descanso me restauraram as forças. Não se

detenha mais, senhor gerente; eu mesmo já estou correndo para o trabalho; e tenha a bondade de dizer isso e me recomendar ao patrão!”

E enquanto Gregor punha tudo isso para fora num jorro, sem saber direito o que dizia, aproximou-se com facilidade da cômoda na cabeceira, graças ao exercício de se esticar todo na cama, e tentava agora se erguer. Queria de fato abrir a porta, deixar na verdade que o vissem e falar com o chefe; estava ansioso para saber o que os outros, que agora exigiam isso, diriam ao vê-lo. Se ficassem assustados, Gregor não teria mais que se justificar e poderia se acalmar. E se engolissem tranquilamente a história, não teria mais nenhum motivo para se afligir e, se corresse, poderia de fato chegar às oito na estação. Primeiro deslizou algumas vezes sobre a cômoda envernizada, depois deu uma última rebolada e finalmente se pôs de pé; não se importava mais nem um pouco com a dor na barriga, embora latejasse bastante. Aí recuou e se deixou cair sobre uma cadeira próxima, a cujas beiradas se agarrou com as perninhas. Com isso conseguiu recuperar o autocontrole e se aquietou, podendo então ouvir o gerente da firma.

“Entenderam uma só palavra?” – perguntou ele aos velhos. “Não está tentando nos fazer de bobos?” “Pelo amor de Deus”, exclamou a mãe por entre lágrimas. Talvez ele esteja muito doente e a gente aqui a torturá-lo. “Grete! Grete!”, gritou. “Mãe?” – gritou a filha do outro lado. Elas se comunicavam tendo o quarto de Gregor entre as duas. “Vá imediatamente ao médico. Gregor está doente. Chame o médico, corre! Você ouviu o Gregor falando?” “Foi uma voz de animal”, disse o chefe do escritório, num tom surpreendentemente baixo ante os gritos da mãe. “Anna! Anna”, gritou o pai do vestíbulo para a cozinha, batendo as mãos, “vá chamar logo um chaveiro!” E num piscar de olhos as duas moças apareceram correndo a farfalhar as saias –

como é que a irmã tinha se vestido tão rápido? – e saíram, abrindo violentamente as portas da rua. Não se ouviu as portas baterem; ficaram escancaradas como nas casas onde acontece uma grande desgraça.

Gregor, no entanto, estava bem mais calmo. Mas também na verdade não entendiam mais suas palavras, embora soassem bem claras para ele, mais claras do que antes, talvez porque o ouvido se tivesse acostumado. Pelo menos continuavam achando que não estava tudo bem com ele e se dispunham a ajudá-lo. A firmeza e segurança com que foram dadas as primeiras ordens lhe fizeram bem. Sentia-se de novo transportado ao círculo humano e esperava de ambos, médico e chaveiro, sem propriamente distingui-los, coisas excelentes e surpreendentes. A fim de clarear a voz ao máximo para as discussões cruciais que se aproximavam, tossiu um pouco, mas se esforçando em abafar o som, uma vez que até sua tosse possivelmente não soasse humana, o que ele mesmo já não ousava decidir. Na sala ao lado, enquanto isso, tudo se aquietou. Talvez os pais estivessem sentados à mesa com o gerente, sussurrando, talvez se inclinassem todos à porta, na escuta.

Gregor empurrou-se lentamente na cadeira até a porta, ergueu-se e se jogou contra ela, ficando agarrado ali – as patinhas eram um pouco grudentas nas juntas – e por um momento descansou do esforço. Então, com a boca, pôs-se a girar a chave na fechadura. Infelizmente, parece que não tinha dentes de verdade – como prender a chave? – mas claro que as mandíbulas eram muito fortes e com sua ajuda pôde de fato colocar a chave em movimento, nem ligando de estar sem dúvida se ferindo com isso, pois um líquido marrom que lhe saía da boca escorreu pela chave e pingou no chão. “Escutem!” – disse o gerente na sala ao lado. “Ele está girando a chave na fechadura.” Foi um grande incentivo para Gregor; mas todos devem tê-lo estimulado,

inclusive o pai e a mãe. “Vamos, Gregor”, devem ter dito: “Mais, gire mais!” E na suposição de que todos os seus esforços eram acompanhados pela torcida ansiosa, mordeu a chave com toda a força que podia, sem pensar. À medida que a chave girava, ele dançava ao redor da fechadura, agarrado na vertical apenas com a boca e, de acordo com a necessidade, ora simplesmente pendurado, ora comprimindo a chave mais fundo na fechadura com todo o peso do corpo. Por fim o estalo vivo da fechadura oficialmente acordou Gregor. Tomando fôlego, disse a si mesmo: “Não preciso de chaveiro”. E arriou a cabeça sobre o trinco para finalmente abrir a porta.

Como teve que abrir a porta dessa maneira, ela já estava na verdade inteiramente aberta, mas ele mesmo ainda não era visível. Tinha primeiro que contornar lentamente uma de suas abas e com muito cuidado se não quisesse se esborrachar de costas bem na entrada da sala. Estava ainda ocupado nesse movimento difícil, sem tempo de atentar para mais nada, quando ouviu a forte exclamação do gerente, um “Oh!” que pareceu uma lufada de vento, e viu então que o chefe, que era quem estava mais perto da porta, levou também a mão à boca aberta e retrocedeu devagar, como que empurrado por uma força invisível e constante. A mãe – que, apesar da presença do gerente, ainda estava com o cabelo solto da noite – olhou primeiro, de mãos trançadas, para o pai, depois deu dois passos na direção de Gregor e desabou no chão com as saias espalhadas ao redor e o rosto afundado no peito, inescrutável. O pai cerrou o punho com uma expressão hostil, como se quisesse empurrar Gregor de volta ao quarto, aí olhou em volta da sala, inseguro, cobriu os olhos com a mão e chorou a ponto de estremecer o peito possante.

Gregor não chegou a entrar na sala, encostado em vez disso, por dentro, à aba fechada da porta, de modo que só metade do corpo era visível e, encimando-a, a cabeça inclinada para o lado,

com a qual observava os outros. O tempo estava bem mais claro agora e se via do outro lado da rua uma faixa da infinita parede cinza da casa vizinha – um hospital – com suas duras janelas frontais regularmente dispostas; ainda chovia, mas só grandes gotas isoladas que se podiam ver caindo uma a uma na terra. Enorme quantidade de louça do café da manhã espalhava-se sobre a mesa, pois para o pai essa era a refeição mais importante do dia, na qual passava horas a ler diversos jornais. Justo na parede oposta havia uma fotografia de Gregor da época do serviço militar, a exigir respeito no uniforme e pose de tenente, mão no punho da espada e sorriso de desdém. A porta que dava para o vestíbulo estava aberta e, uma vez que também aberta ficara a porta do apartamento, via-se lá fora o corredor do andar e o começo da escada para o térreo.

“Agora”, disse Gregor, com isso percebendo claramente que era o único a manter a calma, “vou pegar as amostras e partir. Queiram, por favor, me dar licença. Veja, senhor gerente, não sou cabeça-dura e trabalho com gosto; as viagens são cansativas, mas não posso viver sem elas. Aonde vai agora, senhor gerente? Para a empresa? É? Pode relatar tudo fielmente? A gente pode em determinado momento se sentir indisposto para o trabalho, mas logo se lembra do que já realizou e vê que mais tarde, superados os obstáculos, com certeza vai trabalhar com mais vontade e solidariedade ainda. Sou muito penhorado ao patrão, o senhor bem sabe. Por outro lado, preocupo-me com meus pais e minha irmã. Estou em apuros no momento, mas vou conseguir sair dessa. Mas não torne as coisas ainda mais difíceis para mim do que já estão. Defenda o meu lado na empresa! As pessoas não gostam de caixeiro-viajante, eu sei. Pensam que a gente faz dinheiro fácil e leva uma vida mole. É um preconceito, mas não há nenhuma razão especial para pensarem diferente. Mas o senhor, senhor gerente, tem uma visão geral melhor da situação

do que o resto do pessoal, melhor até – e digo isso confidencialmente – do que o próprio patrão, que na sua condição de empresário pode facilmente se deixar confundir ao julgar contra um funcionário. O senhor sabe também muito bem que o vendedor viajante, que passa quase o ano inteiro fora da empresa, é vítima fácil de fuxicos, de acasos e de acusações infundadas, para ele totalmente impossíveis de combater, pois na maioria das vezes nem fica a par dessas coisas e só quando volta exausto para casa, depois de uma viagem, é que as consequências nefastas, cujas causas já não pode investigar, se fazem sentir no próprio corpo. Senhor gerente, não vá embora sem me dizer uma palavra que me mostre que o senhor me dá ao menos um pouco de razão!”

Mas o gerente já havia se virado às primeiras palavras de Gregor e só por sobre os ombros encolhidos olhou de volta para ele, lábios repuxados para cima. E enquanto Gregor falava, não ficou um segundo parado, girando na direção da porta, sem tirar os olhos dele, mas bem gradualmente, como se houvesse alguma proibição de deixar a sala. Logo chegou ao vestíbulo e o súbito movimento que fez ao tirar o pé pela última vez da sala de estar poderia fazer crer que a sola do sapato queimava. No vestíbulo estendeu então a mão direita à frente rumo à escada, como se o esperasse lá uma redenção simplesmente sobrenatural.

Gregor percebeu que de jeito nenhum devia deixar o gerente ir embora dessa maneira, para não colocar em altíssimo risco a sua posição na empresa. Os pais não entendiam tudo isso muito bem; tinham formado ao longo dos anos a convicção de que Gregor ficaria nessa empresa a vida toda e, além do mais, tinham tanto com que se preocupar no momento que perderam todo o senso de previsão. Mas Gregor conseguia prever. Tinha que deter o gerente, acalmá-lo, convencê-lo e, por fim, sobretudo, demovê-lo; o futuro de Gregor e de sua família dependia disso! Se a irmã

estivesse aqui! Ela era esperta; já havia chorado quando Gregor ainda estava quieto deitado de costas. E com certeza teria distraído o mulherengo do gerente, fechando a porta do apartamento para segurá-lo no vestíbulo e aliviá-lo do susto. Mas, como a irmã não estava lá, o próprio Gregor tinha que agir. E sem pensar que ainda desconhecia sua atual mobilidade, sem pensar também que sua fala possivelmente – provavelmente! – não seria entendida de novo, largou a porta e se lançou fora, querendo ir atrás do gerente, que já se agarrava ridiculamente com ambas as mãos às grades da escada; mas logo, ao tentar parar, Gregor caiu sobre as muitas perninhas, com um gritinho. Mal aconteceu isso, sentiu pela primeira vez esta manhã um bem-estar físico; as patinhas tinham chão firme sob si e obedeciam inteiramente, como notou com alegria, dispostas mesmo a levá-lo onde quisesse; e já achou que a superação final de todo o sofrimento era iminente. Mas no mesmo instante, enquanto balançava ali num movimento contido, sua mãe, que jazia não muito longe no assoalho, aparentemente tão absorta, deu um salto, braços estendidos para o alto, mãos espalmadas, e gritou: “Socorro, socorro pelo amor de Deus!” Inclinou a cabeça como se quisesse ver melhor o filho, mas, contraditoriamente, saiu correndo. Esquecendo que atrás dela estava a mesa posta, ao depará-la na pressa sentou-se sobre ela, como que privada da razão, e pareceu não notar que do grande bule que virou a seu lado o café derramava-se em cachoeira sobre o tapete.

“Mãe, mãe”, disse Gregor baixinho, erguendo os olhos para ela. Por um momento esqueceu por completo o gerente; mas não pôde evitar, vendo o café derramando, de dar um estalo com a boca. Com isso a mãe de novo se pôs a gritar, disparando da mesa e caindo nos braços do pai que correu para ela. Mas Gregor no momento não tinha tempo para os pais; o chefe do escritório já estava na escada e, com o queixo no corrimão, olhou para trás

uma última vez. Gregor deu uma corridinha, a mais disfarçada possível, para alcançá-lo; o gerente deve ter desconfiado, pois de um salto pulou vários degraus e desapareceu com um grito – “Uuh!” – que ecoou por todo o vão da escada. Infelizmente a fuga do gerente parece ter perturbado completamente o pai, que até ali se mantivera relativamente calmo, pois em vez de sair ele mesmo no encalço do fugitivo ou pelo menos não impedir Gregor de fazê-lo, agarrou com a mão direita a bengala que o chefe do escritório havia deixado para trás numa cadeira junto com o chapéu e o sobretudo, com a esquerda apanhou um grande jornal sobre a mesa e, batendo os pés no assoalho, começou a enxotar Gregor de volta ao quarto, brandindo a bengala e o jornal. Gregor não pediu ajuda, pois não teria sido entendido, preferindo humildemente girar a cabeça, e o pai bateu os pés com mais força. A mãe, apesar do frio, levantou uma janela do outro lado, inclinou-se e colocou o rosto para fora, entre as mãos. Entre o beco e a escada soprou uma forte lufada de ar que fez voar as cortinas na janela e farfalhar os jornais em cima da mesa, espalhando algumas folhas pelo chão. O pai o enxotava, insistente, com um assobio selvagem. Acontece que Gregor não tinha nenhuma prática de andar para trás e ia bem devagar na verdade. Se pudesse virar, já estaria no quarto, mas tinha medo de deixar o pai mais impaciente com uma lenta rotação e estava sob a ameaça de um golpe mortal de bengala, a qualquer momento, nas costas ou na cabeça. Por fim, no entanto, Gregor não teve outra escolha, pois se deu conta, horrorizado, de que jamais iria na direção certa andando para trás; e então começou a virar o mais rápido que podia, mas na verdade bem devagar, sem parar de olhar ansiosamente de lado para o pai. Talvez o pai tenha notado sua boa vontade, porque não o perturbou nisso, dirigindo ao contrário o seu giro aqui e ali, de longe, com a ponta da bengala. Se ao menos parasse o assobio insuportável! Aquilo fez Gregor perder a cabeça. Já havia quase virado completamente